

# A Architectura Portugueza

REVISTA MENSAL

DA

## ARTE ARCHITECTURAL

ANTIGA E MODERNA

Collaborada por architectos e escriptores d'arte portuguezes

	ANNO I — N.º 6	JUNHO — 1908	
<b>SUMMARIO</b>			
<p>CASA DO SR. CONDE ARMAND, NA QUINTA DA COMMENDA, PROXIMO DE SE-TUBAL — <i>General Henrique das Neves.</i></p> <p>O MONUMENTO DE MAFRA — <i>Julio Ivo</i></p> <p>PROJECTO DA CASA DO SR. CONDE ARMAND — Architecto, Raul Lino.</p> <p>INTERCALARES XI e XII, DO PROJECTO.</p>			
<b>ASSIGNATURA</b>			
PAGAMENTO ADIANTADO			
	<p>Trimestre . . . . . 900</p> <p>Semestre . . . . . 1800</p> <p>Anno . . . . . 3600</p> <p>Avulso . . . . . 400</p>	<p>Para os países da União Postal</p> <p>Anno . . . . . 4500</p> <p>Anuncios pela tabella, conforme o espaço.</p>	

RÉDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA MARIA ANDRADE, 10, 2.º — LISBOA

Composto e impresso no  
CENTRO TYPOGRAPHICO COLONIAL  
Rua da Conceição da Gloria, 76 a 80  
1908

# A ARCHITECTURA

Revista mensal  
de construcção  
e de architectura pratica

# PORTUGUEZA

Director-proprietario: MARIO COLLARES

Secretario da redação: MARIO A. S. DUARTE

Composto e impresso no Centro Typographico Colonial—R. Conceição da Gloria, 78 e 80

Photographias de Arnaldo da Fonseca — Gravuras de Pires Marinho & C.ª

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA MARIA ANDRADE, 10, 2.ª — LISBOA

## A casa do sr. Conde Armand

Na quinta da Commenda, proximo a Setubal

Eis uma casa d'habitação em cujo traçado colaboraram, não sómente o intento do seu destino, como também a região, o clima e a paisagem: destino — residencia d'estio; clima — o da zona-sul de Portugal (*le pays du soleil*); paisagem — fundo montanhoso revestido em geral de vegetação; — frente, a confluencia do rio Sado na amplidão do Oceano.

Uma casa edificada assim, n'um desvio alpestre, longe de todo o povoado, recolhida na intimidade silenciosa da Natureza, com os seus montes e as suas aguas, ora cariciosas, ora revoltas, uma habitação n'estas condições não devia ser privada do ar livre, da plena luz, e do vasto e encantador panorama que a envolve.

Não devia ser e não foi: ao contrario, as características regionaes é que sugeriram o melhor da concepção. Ar, luz, horizonte, varandas alpendradas, miradouro ou mirante coberto, coroando a edificação (o *belvedere* dos italianos, o *look-houte* dos ingleses), alli ha de tudo, sem prejuizo dos aposentos reservados.

Uma casa (não se trata aqui dos casarões-comodas para arrumar gente) como toda e qualquer obra d'arte, antes de ser delineada, deve ser sentida.

O altissimo artista Guerra Junqueiro assim legisla:

«...E' que a arte (diz elle), creada na emoção, a emoção a penetra. A ideia, rigida e nua, nem faz a arte, nem a entende. A critica d'arte (e o mesmo se póde dizer da concepção) é emoção viva da belleza. Na arte, sentir é conhecer; sentir é comprehender com todo o corpo» (Justino de Montalvão — *Apontamentos para um retrato* — *Poeira de Paris*, prefacio de Guerra Junqueiro).

E' este estado psychico do architecto que gera a habitação atrahente, que nos namora, que se estima, a *casa amiga*, emfim.

Aquellas varandas!... Lá se nos foram os olhos n'ellas, no dia 12 de maio ultimo, á volta d'um passeio ao Outão em companhia da talentosa escritora, D. Anna de Castro Ozorio.

Na curva da estrada que decorre sobre um outeiro, e oferece o melhor ponto de vista sobre o *chateau* do sr. conde (permittam o francesismo), estacionou o trem; e alli nos demorámos, absortos, a ver, a admirar e a... invejar. Elle ergue-se apumado airosamente como a Torre de Belem, mas sobranceiro ao rio Sado, destacando a sua alvura contra os tons: verde-bronse da vegetação, sanguineo da argila do solo, e azul das aguas do rio. Como o olhar se me absorvia n'aquellas varandas! E o goso espiritual que acordavam em mim! Encontrava mais uma vez (raras, sim), as varandas, balcões, galerias (como quizerem dizer) de que tenho sido, desde 1893, um obscuro missionario, o missionario do *ar livre* (\*).

Varanda larga, espaçosa, desafogada, alegre, espairecida, francamente arejada, que beneficie os pulmões e desoprima

a alma; varanda coberta ou alpendrada de modo a abrigar das chuvas d'inverno e do sol de verão; varanda para ser utilizada em todo o tempo e de dimensões sufficientes como uma saleta (que deve ser enflorada ou ornamentada d'arbustos) a permittir aos sedentarios da casa, quando d'isso careçam, um tanto d'acção ás pernas, desanuviando simultaneamente o *ser intimo*; varanda, emfim, lugar de trabalho, suggestivo d'um estado d'espirito que nos disponha para coisas relativamente superiores, boas e bellas.

Tenho aqui, na minha frente, entre

outras, uma fotografia da pequena aldeia maritima de S. Pedro de Muel, em que se singularisa, no plano mais adeantado sobre o Oceano,



Vista tirada do nascente

fia da pequena aldeia maritima de S. Pedro de Muel, em que se singularisa, no plano mais adeantado sobre o Oceano,

(\* O lisboeta parece ter horror ao ar.

O sr. dr. Bombarda, em uma conferencia publica, que lhe ouvi, fez sentir o facto, muito observado pelos estrangeiros, das janellas das nossas casas se conservarem, na sua maioria fechadas.

De todos os restaurantes de Lisboa, pouco mais de meia ducia, estão em boas condições para verão. Sem janellas, o arejamento e renovação do ar, é feita pelos vãos das portas. Deve ser bom para os donos, porque... ha menos appetite. Ah, bons tempos dos jantares na esplanada do Jansen. Comia-se e bebia-se, bem, alli. Talvez, por isso mesmo... *requiescat in pace*.

Os constructores continuam no seu typo de casa de... muitas janellinhas.

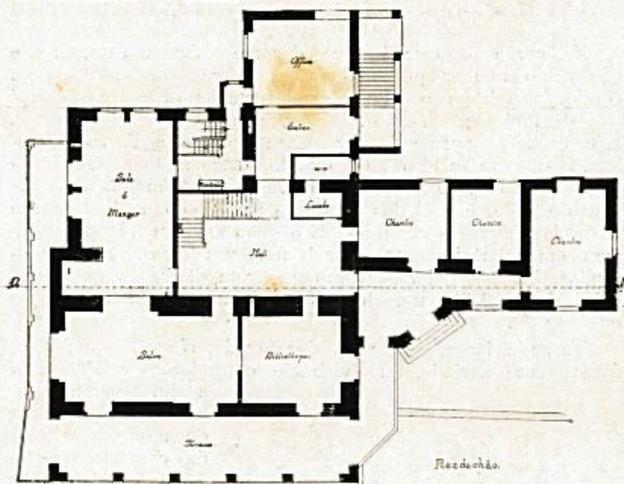
E o saloio, ainda hoje (sec. XX), presiste no uso do carapuço de lá que de verão lhe escalda a cabeça nas ceifas e vindimas pela rasão de que os seus paes e avós já usavam... aquelle vestigio mosarabe, dos seus antepassados de turbante, que o rei Afonso Henriques, apoz a tomada de Lisboa, mandou sahir para os arrabaldes.

Seja pois o carapuço saloio, um symbolo nacional.

uma casa de dois pavimentos apenas, com uma varanda reitrante e coberta ao longo de toda a largura do predio. E' a habitação de verão do poeta Affonso Lopes Vieira. A fotografia, d'elle é tambem, e elle a remeteu, disendo-me n'ella — «Aqui tem o meu amigo uma casa portuguesa n'uma paisagem de ar livre».

Naquella varanda é que foram gerados os versos, hoje reunidos no volume d'este mesmo titulo.

Cutras mais já se nos deparam, aqui e além, pelo nosso paiz, em edificações modernas, grandiosas ou modestas, para regalo dos seus proprietarios, gloria do engenho dos nossos architectos e afirmação de que o nosso sentir esthetico se vai educando... emfim.



E digo que as ha, não porque as conheça de visu, mas sómente pelo que me ensinam, fotografias, gravuras de Revistas, illustrações, etc. Algumas d'essas edificações são, terra dentro, onde a poderosa Natureza é quieta e muda; outras, em que o panorama é movimentado pelas aguas dos rios ou do mar. Estes ultimos logares, de beira-mar ou rio, é que parece terem, em todos os tempos, atrahido e apaixonado, os espiritos distinctos. E' conhecido de todos, as construcções acastelladas ou singelamente urbanas, que se alteiam nas margens do Rheno, do Loire, do Arno, dos lagos da Suissa, do Adriatico, etc.

D'entre nós, citarei, por exemplo, duas d'estas construcções modernissimas, as dos srs. Grandella e conde d'Araujo, na Foz do Arelho, afluente da Lagoa d'Obidos, construcções não totalmente originaes, como tambem digo da do sr. conde Armand, mas d'uma bem comprehendida adaptação e apropriação ao meio, nos seus requisitos de varia indole, o que é melhor.

E' do Mondego para o norte, no paiz do tamanco, mormente na lusitanissima provincia da Beira, que esta caracteristica da casa tradicionalista (a varanda) se encontra mais frequentemente, sendo de preferencia nos antigos povoados em que ainda não entrou o tal «album d'estampas de casas, que vem de Paris», de que falla humoristicamente o erudito engenheiro e meu amigo e sr. Mello de Mattos. (Construcção Moderna, n.º 234), album que tem sido o cerebro d'alguns sapateiros que se acham .. a tocar rabeção. Mas, e sem sahir de Lisboa, em edificações de certa magnitude e graciosidade, aqui a temos na fachada frente ao Tejo, d'aquelle encanto, d'aquelle sonho petrificado, chamado Torre de Belem. E ha quantos seculos!

\* \* \*

E' n'esta sua propriedade (dita da Commenda, ou de Nossa Senhora da Ajuda) casa e parque, entre Setubal e a Torre do Outão, que o sr. Conde Armand, se refugia alguns meses do anno, abrindo um parenthesis bucolico no viver da nova Babylonia, onde tem a sua residencia d'inverno.

Um amigo meu, que vive na cidade do Sado, a quem pedi algumas informações que adiante o leitor encontrará, diz-me do nobre proprietario: «De chapéu de grandes abas,

uma vara na mão e botas altas é assim que encontramos o sr. Conde, fidalgo de primorosa educação, percorrendo esta sua propriedade, que elle ama. Considero-o um artista-philosofo. Nas horas de calor, em quanto descança, tira da algibeira o seu Virgilio, e assim se deleita *sub tegmine fagi*, imaginando ter diante de si, quando ergue o olhar do livro, as verdadeiras paisagens que acaba de ver tracejadas n'aquellas eglogas».

E. independente do parque, tod' em terreno acidentado, que bello quadro panoramico (digo eu agora), não se desdobra para qualquer dos lados, visto das varandas, e melhor ainda do miradoiro?

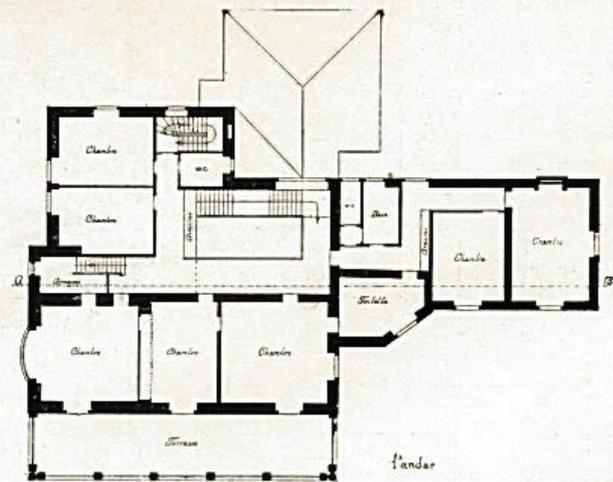
Ao occidente ergue-se o dorso da Serra da Arrabida, escavada, pedregosa e sêcca, no seu tom acinzentado, prolongando-se a perder-se de vista. Lá o observamos em uma das estampas pequenas. Rondando para o norte temos as ondulações escarpadas, d'um poderoso relevo, em montes e colinas cerradas de vegetação, que veem em desenvolvimento decrescente desde a Serra de S. Luiz, até entestarem com a Serra da Arrabida no Valle da Rasca, ou vindo mergulhar nas aguas da enseada norte do Sado que vae até cerca de Setubal.

Em frente prolonga-se a estreita facha d'areia, o que resta da antiga Cetobriga (Troia) colonia fenicia, continuada pelos romanos. E' aquem, entre lá e cá, a foz do Sado, onde o bello rio, tão querido do pintor João Vaz, que se diria, mythologicamente, ter sido gerado n'elle, se encontra e submete ao poderoso Oceano, o qual já ahi, como signal de vassalagem, lhe communica o seu tom glauco.

Ao occidente, desenhando-se no azul do ceu, o morro de Palmella, coroado do seu antigo castello, em que sobresahe e se impõe a secular torre d'almenara, cujas arestas ainda hoje são verticalmente rectilineas; e chegando-se ao rio, a já mal esboçada casaria de Setubal, projectada sobre o terreno amarello barrento da encosta, que lá se desenvolve, sempre baixa e encostada á margem a caminho sul d'Alcacer.

Cerra o panorama, pelo sul, a Serra de Sines, uma estirada mancha azul, que vem do seio do Alemtejo, entrar no Oceano, no cabo do mesmo nome.

Aqui, proximo da margem, onde o castello do sr. Conde, com o seu ar senhorial, é o centro d'este vasto panorama, giram em formigueiro movimentando o rio, as pequenas canoas de pesca, que vão ou vem do mar, quando não succede tambem fazer-lhes companhia algum navio alteroso, de panno ou a vapor, que vem a commercio.



Tal é, em dois traços d'esboço, o quadro que se patenteia a quem se achar n'aquellas varandas. E, acrescentamos: se houvesse ser humano que em taes horas, não sentisse dissipar-se lhe, peito a dentro, os odios communs á selvageria da vida, tinha de pedir a Deus que se amerciasse d'elle, e ao diabo que o levasse.

\* \* \*

Não é somente este quadro um dos mais bellos e pitorescos de Portugal, é igualmente toda a região a que elle

perence, entre o Tejo e o Sado desde Palmella ao Cabo d'Espichel, chamado nas cartas do Estado maior, a península de Setubal.

A's pessoas d'uma familia açoreana que regressava a Lisboa, d'uma viagem na Europa, terminando pela nossa terra, aconselhámos um passeio (pois que ainda lhes restava alguns dias, antes da volta aos Açores), a esta região, que não tinham visto e da qual ninguem lhes tinha falado, região em que temos jornadaado, por varias veses, de ha 40 annos para cá,

Partiram e por lá andaram trez dias (Arrabida, Cezimbra, Espichel, Azeitão, Quinta do Anjo, Serra de S. Luiz, Palmella, Setubal, etc), e vieram bemdizendo o conselho.

O principe de Licknowsky, nas suas «Memorias de viagens», (1841) regista o panorama visto do Castello de Palmella, como dos mais grandiosos que se lhe depararam nas suas excursões pelo mundo. O sr. Montufar Barreiros, arrendatario do Forte da Arrabida, á beira-mar, é um antigo apaixonado d'estes sitios; e era-o tambem o falecido Peito de Carvalho que habitava o Forte d'Albarquel, á margem do Sado. Não falando tambem no poeta Bernardes (sec. XVI) que sendo natural do Minho, por infortunio d'amores antes do que por espirito d'ascetismo, veio procurar a Arrabida a que se acolheu com o habito de Fr. Agostinho da Cruz, o grande poeta mystico. Aquella mesma Arrabida, que Alexandre Herculano celebrou em um himno religioso.

Na jornada a que me referi, em companhia da distincta escritora setubalense, ella que fôra cicerone dos esposos ingleses Inchbold, infatigáveis viajantes que tão agradados foram de Portugal, em certo lance do caminho indicou-m'o por ter sugerido áquelles dois artistas a ideia d'um grande hotel, á semelhança d'outros em sitios fartamente apregoados pelo reclame,

mas sem maior razão de ser do que este.



Fachada posterior

Vamos a abreviar o que falta, pois que a massada já vai longa.

Não conheço o interior da casa de que venho falando; todavia, das informações em carta, que já citei, assim como da *Construção Moderna* (n.º 104), vou completar d'algum modo esta noticia, com dados mais interessantes e... menos divagadores ou estopantes.

O nivel da casa sobre o do rio é de 15 metros, e na elaboração do seu projecto houve sujeição a algumas muralhas e paredes d'um antigo forte da defesa da barra, e seus alojamentos; por isso a planta se ressentia de certas irregularidades. Estes fundamentos escondem-se na abundante vegetação de oliveiras, aroeiras, figueiras da India, e outras arvores, que afogadas n'uma profusão de geranios, disputam entre si os pequenos vãos entre os alveos da brecha.

O sr. conde entendeu, e muito bem que, no meio de uma paisagem caracteristicamente classica, em que abundam as oliveiras, os pinheiros, as agaves, figueiras da India e palmeiras, cyprestes, etc., não se deveria collocar um edificio que não fosse de uma grande simplicidade, com grandes superficies lisas, não regulares e com uma silhueta serena, que esteja em harmonia com aquellas amenas paragens. Essas superficies e as latadas hão-de ser afestoadas de trepad'iras floridas, de varias especies, acariciando-lhes a nudez e a dureza, conciliando-se assim a construcção com a natureza.

Na propriedade rural, que é vastissima, foi traçado pelo seu proprietario, um grandioso parque e as instalações inherentes á sua cultura e aproveitamento. Uma plantação em viveiro, de cerca de 1:000 pés de palmeira, vimos ainda ha um mez no sitio da Presa, a 1 kilometro da residencia.

O interior da habitação é d'uma simplicidade monacal e será guarnecida sómente com a necessaria mobilia e algumas obras d'arte; não obstante, nada lhe falta dos confortos modernos mais aperfeiçoados.

Ahi, a natureza exterior é que vale por toda a ornamentação... interior. Veja-se na planta, onde a bibliotheca e a sala de recepção foram collocadas: immediatamente contiguas á varanda inferior, dividindo-a entre si em toda a sua extensão. Pois que melhor gabinete d'estudo e trabalho? E que melhor sala para receber pessoas nossas amigas?

Desejava-se grande economia na construcção quanto á sua parte ornamental e por isso se conserva uma grande simplicidade na maior parte do seu exterior.

Tambem foi recommendação especial do sr. conde Armand, o emprego da telha nacional, em forma de canal, que, no seu entender não formará no conjuncto do telhado uma mancha dura, monotona e fria, como aconteceria com a telha franceza.

\* \* \*

Não conheço o sr. Conde Armand; não conheço igualmente o sr. Raul Lino.

Do architecto sei que estudou a sua arte, na Alemanha, com Albrecht Haupt, o auctor d'esse formidavel estudo que todos estamos lendo com interesse, nos *Serões*. — A Architectura da Renascença em Portugal. — Sei mais o que a seu respeito nos expoz a *Illustração Portu-*

*guezua*, n.º 110; e venero muito intimamente o empenho que põe, para *acertar*, em estudar o nosso tradicionalismo, isto é, em querer ser artista da sua terra, sob todos os aspectos. sem deixar de o ser tambem do seu tempo. O mais que eu pretendesse acrescentar em tom critico á sua *maneira* artistica, seria vão por carencia de saber, competencia e authoridade.

Do sr. Conde, apenas tenho a informação, de que é cavalheiro muito afavel, que merece todo o respeito das pessoas de Setubal que d'elle se tem aproximado; e que tem a paixão, levada ao culto, por aquelle retalho da Natureza, exuberante de vegetação, de bucolismo, de poesia, que o cerca e, ainda bem, lhe pertenceu em sorte, como igualmente se deve dizer d'um outro benemerito estrangeiro, o sr. Conde de Monserrate

Do sr. Conde Armand, direi ainda, de minha lavra: foi uma homenagem que prestou á classe dos architectos portuguezes, confiando a um d'elles a dispendiosa edificação da sua nova casa da Commenda. Suspeito que não terá de arrepende-se

Algum portuguez talvez haja, que, no seu caso, tivesse mandado vir... architecto francez.

\* \* \*

Muito logicamente, o leitor terá notado n'este escrito, a insuficiencia de dados technicos e criticos; e, dos poucos que aqui vão, não concordará, no todo ou em parte, com o que n'elles vai implicito. Está perfeitamente no seu direito,

E se tal efectivamente succede, tambem estou no meu direito de lhe dizer, que se entenda com o proprietario d'esta Revista (e meu amigo), o qual levou a obstinação de ser eu o apresentante da nova casa da Commenda, ao ponto de legitima caturrice, não sei se até... prevista no Codigo penal.

HENRIQUE DAS NEVES

NOTAS

Prestando homenagem ao talento do illustre architecto e nosso particular amigo, sr. Raul Lino, publicamos-lhe hoje um dos seus mais interessantes projectos, sentindo não podermos dar ás gravuras na parte relativa á edificação propriamente dita, a grandeza que se manifesta na natureza que a enquadra, pois se da fachada principal e posterior se poderam tirar photographias relativamente grandes, das fachadas lateraes, nascente e poente, não poudo isso fazer-se, por se não poderem tirar senão de longe, o que as fez ficar bastante reduzidas, apezar da boa vontade e proficiencia de que deu mostras o consciencioso artista photographo de Setubal, o sr. Manuel Rodrigues Aldegallega.

Não devemos deixar no olvido o collaborador da obra do sr. Raul Lino, na execução dos trabalhos pelo mesmo senhor encarregado, o habil constructor civil, sr. Augusto Victorino da Rosa.

Dos restantes collaboradores, não temos conhecimento, para lhe podermos aqui fazer referencia, como desejavamos e era nosso intuito.

A REDACÇÃO

## O Monumento de Mafra

São de tal modo deficientes os elementos para um estudo sério e consciencioso sobre o edificio de Mafra, e tão infelizes as tentativas para descobrir os documentos que se relacionem com a sua construcção, que o apparecimento de qualquer manuscrito por mais insignificante que seja, e por menos que possa elucidar-nos, desperta sempre o maior interesse e provoca não menos curiosidade a todo o investigador. As plantas geraes e parciaes do edificio, necessariamente em grande quantidade, os orçamentos das empreitadas, as folhas dos operarios, os mappas dos dirigentes, as notas de fornecimentos de materiaes e de gado, as contas dos artigos adquiridos no paiz e no estrangeiro, tudo desapareceu e d'elles não resta vestigio. Existem apenas os registos hospitalares, dos annos de 1730-1731, parte no archivo parochial, e parte em meu poder salvos do fogo ainda ha poucos mezes!

Quando ha annos uma livreria de Lisboa annunciou a venda de um manuscrito inedito, com o suggestivo titulo — *Relação do Convento de Santo Antonio de Mafra, suas officinas e Pallacios que se fundarão mysticos ao dito convento — por Guilherme José de Carvalho Bandeira* —, pôde avaliar-se com que interesse promovi a sua compra e com que alvoroço percorri as suas paginas escriptas com optima letra do seculo XVIII, em papel forte e amarellado, encadernadas em um volume in-quarto, com cercaduras douradas sobre carneira vermelha e com igual ferro nas carcelas. A encadernação, tambem do seculo XVIII, apresenta-se excellentemente conservada. O manuscrito, comquanto mutilado in-principio e in-fine, está completo no texto, como se verifica pela numeração das suas 338 paginas.

A *Relação* é pobre na descripção artistica, mas interessantissima nas informações, e sobretudo na resenha da installação e nos detalhes da vida interna do convento. Foi escripta anteriormente ao *Monumento Sacro*, a primeira obra publicada sobre o Monumento de Mafra por Fr. João de S. Joseph do Prado, e mais tarde dedicada a D. José I pelo auctor, então official da Meza da Consciencia e Ordens.

Carvalho Bandeira escreveu obras de certa importancia, mas quasi todas, senão todas, ficaram ineditas. Publicando o manuscrito da *Relação*, creio interessar os leitores d'esta revista, e para melhor comprehensão do texto juntam-se as devidas annotações.

JULIO IVO

RELAÇÃO  
DO  
CONVENTO DE SANCTO  
ANTONIO

DE  
MAFRA  
SUAS OFFICINAS E PALLACIOS QUE  
SE FUNDARÃO MISTICOS AO DITO

CONVENTO,  
OFERECIDA

A. EL. REY N. SÑR.

D. JOSÉ O 1º

POR

GUILHERME JOSÉ DE CARV.º BANDEIRA  
OFFICIAL DOS CONTOS DA MEZA DA CONSCIENCIA  
E ORDENS

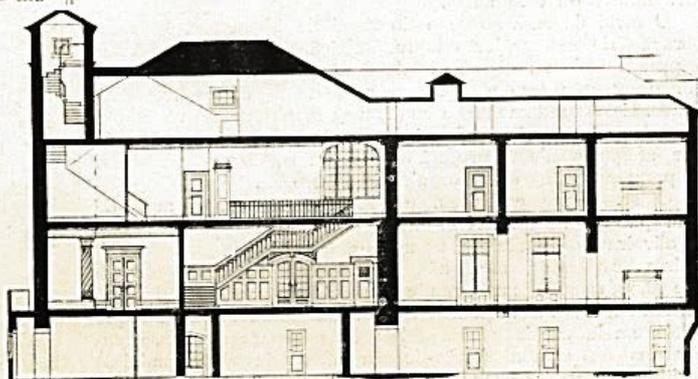
SENHOR:

*A occasião que tive de me empregar no Real serviço de V. Mag.ª na superintendencia das carruagens, q.ª existio no sitio de Pedro Pinheyro, convidou a minha curiosidade para escrever esta Relação do convento de S. Antonio de Mafra q.ª agora ofereço a V. Mag.ª com a mayor noticia, q.ª me foi possivel conseguir: cujas memorias principiey a buscar no anno de 1730, e fuy acrescentando até o de 1744, tempo em q.ª o P.ª João Bautista Carbone, sabendo destas memorias, que mandou continuar a relação dellas, e q.ª tornace a certificar-me com maior cuidado do mesmo q.ª já havia feyto; e advertice tudo o mais, q.ª houvesse acrescido naquella obra, sendo o empenho com q.ª me foi recomendada esta empreza, hum principio certo de ficar entendendo, q.ª seria ordem superior a eficacia desta recommendação; e nesta inteligencia continuey até o tempo da sua falta, e ainda antes della fuy muitas vezes á villa de Mafra para este effeito: trabalhando quanto me foi possivel p.ª q.ª ficasse esta relação completa, ou ao menos com a noticia do q.ª he mais precioso, e se fas mais memoravel. Se merecer o Real agrado de V. Mag.ª ficará quanto basta satisfeita a sinceridade do affecto com que a dedico a V. Mag.ª, e com duplicados espiritos aquelle amor com q.ª sirvo a Patria ennobrecendo-a com algumas obras litterarias, q.ª nacam da minh continua applicação, e naquelle tempo q.ª me deixa livre o Real Serviço de V. Mag.ª em q.ª me ocupo.*

Deos Guarde a V. Mag.ª muitos e felices annos.

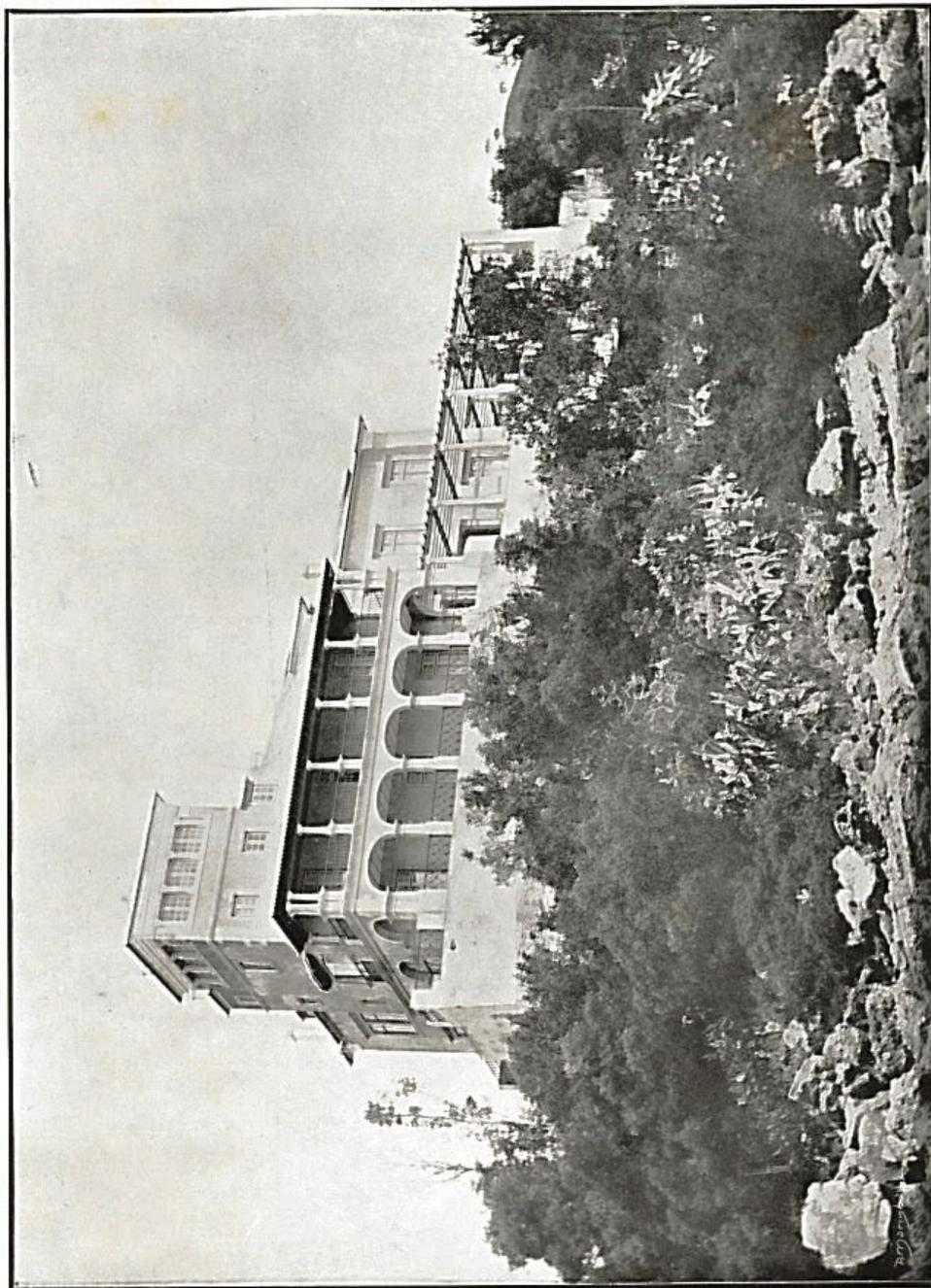
GUILHERME JOSÉ DE CARVALHO BANDEIRA

(Continua)



Côrte

CASA DO SR. CONDE ARMAND  
NA QUINTA DA COMMENDA, PROXIMO A SETUBAL



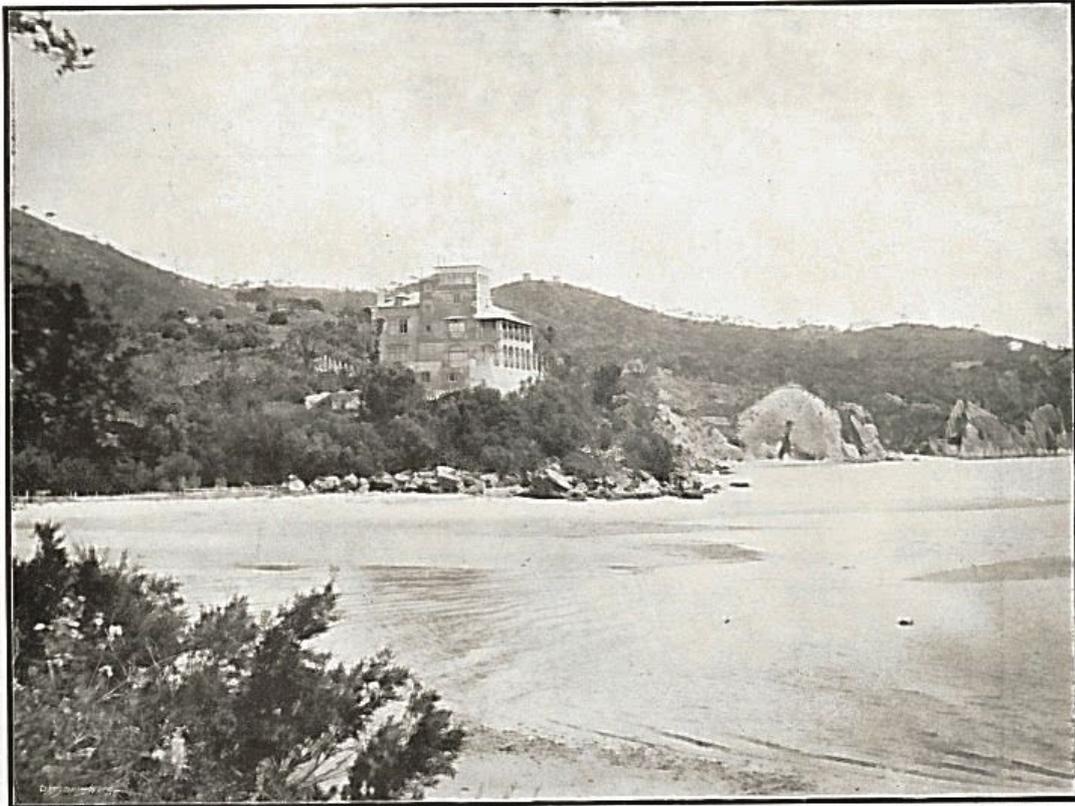
PHOTOGRAPHIA TIRADA DA PRAIA

ARHITECTO: RAUL LINO

ANNO I—N.º 6

CÁSA DO SR. CONDE ARMAND

NA QUINTA DA COMMENDA, PROXIMO A SETUBAL



PHOTOGRAPHIA TIRADA DA ESTRADA, LADO DO OUTÃO



PHOTOGRAPHIA TIRADA DE «MIL REGOS»